



## MAPUTO: ESPAÇO PÚBLICO, COTIDIANO E MORFOLOGIA

Angela Favaretto <sup>1</sup>  
Cila Fernanda da Silva (apresentador) <sup>2</sup>  
Murad Jorge Mussi Vaz <sup>3</sup>

O espaço público, em sua multiplicidade conceitual e material, tem sido objeto das mais variadas áreas de conhecimento. Ao intentar romper barreiras conceituais e epistemológicas, a pesquisa que vem sendo desenvolvida em três instituições – UFFS campus Erechim, Brasil; ULISBOA, Portugal; e UEM, Maputo, Moçambique – debruça-se sobre a cidade de Maputo como delimitação espacial de pesquisa. A constituição urbana da cidade, através dos processos socioeconômicos, político-culturais e espaciais tem sido uma das chaves de leitura para a compreensão da formação de uma cidade com características socioespaciais tão diversificadas, complexas e, ao mesmo tempo, singulares. Busca-se analisar, a constituição dos espaços públicos locais, numa relação entre centro e bairros, a luz das formas, usos, constituição e apropriações. Destarte, vincula-se a dimensão do cotidiano, da vida urbana, à formação socioespacial da cidade, e às diversas relações entre os moradores (e cidadãos de Maputo) com as diversas partes que compõem o todo urbano. Para o método, escolheu-se o método progressivo-regressivo de Lefebvre (2008), buscando compreender a conformação atual da cidade através de sua trajetória histórica. O espaço público, dos passeios e praças, das vias e vielas, das áreas baldias, torna-se o espaço do “desenrascar-se”, de buscar a sobrevivência, no qual se produz alimentos, vende-se produtos variados, oferta-se serviços, se observa e se interage com a cidade. Outra dimensão fundamental é a do espaço público como deslocamento e movimento. Em um contexto de grandes distâncias percorridas cotidianamente pelos moradores, com transportes distribuídos entre machimbombos, “*my loves*” e chapas, recupera-se que estar e se apropriar de Maputo também acontece através dos deslocamentos. Há uma apropriação dos diferentes territórios da cidade, entre as atividades formais e informais desenvolvidas, e o contato com as machambas (áreas rurais) onde indivíduos da mesma família deslocam-se pela cidade buscando prover sustento para o agregado familiar. Morfologicamente a cidade distribui-se de maneira heterogênea, desde o antigo traçado colonial português, às formas mais tradicionais e culturais (e mesmo de sobrevivência) de se construir cidade e habitat, às novas imagens de arquitetura que predominam em áreas valorizadas. Portanto, tempos e modos de vida diversos se cruzam como feixes de processos e de formas diversas. O

---

1 Professora Doutora, do Curso de Arquitetura e Urbanismo; UFFS – Erechim; [angela.favaretto@uffs.edu.br](mailto:angela.favaretto@uffs.edu.br)

2 Estudante de graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo; UFFS – Erechim; [cilafernanda@outlook.com](mailto:cilafernanda@outlook.com)

3 Professor Doutor, do Curso de Arquitetura e Urbanismo; UFFS – Erechim; [murad.vaz@uffs.edu.br](mailto:murad.vaz@uffs.edu.br)



espaço público, num país onde toda a posse de toda a terra pertence ao Estado, constitui-se num campo de disputas, conflitos e relações sociais que são a base do espaço vivido, traduzida em práticas socioespaciais particulares e contextualizadas. Maputo sintetiza e exemplifica, dessa maneira, a intrínseca relação entre uma ordem distante e uma ordem próxima que se encontram, se interferem, e se constroem e ora se chocam, ora se harmonizam. Uma cidade que, apesar de sua configuração fragmentada, permite colocar em constante discussão e interpretação a expressão de Lefebvre: *the thresholds of sociability* (1991), ou seja, limites da sociabilidade.

**Palavras-chave:** Seminário. Seminário. Seminário.

**Categoria:** Pesquisa

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas

**Formato:** Apresentação Oral